



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. tel. Taha - Lisboa - Telefone: 2
Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

Liberdade de pensar

Não havia, nos tempos da monarquia, um único republicano que não se levantasse indignado contra qualquer repressão, que o regime monárquico quizesse exercer sobre o pensamento. Sempre que qualquer atentado se esboçava, surgiam os protestos indignados, erguiam-se as vozes em clamores tremendos de maldição lançados sobre o regime que tam pronto se mostrava em restringir a liberdade de pensar e de exprimir o pensamento.

Principiavam os discursos por bino ao pensamento, que se queria livre de todas as peias; escreviam-se versos sublimes que tomavam por tema a liberdade; faziam-se vementes discursos no parlamento; fundavam-se associações de verdadeiros amantes da liberdade de pensar.

E foi talvez mais com os olhos fitos na conquista dessa liberdade do que no bacalhau a pataco, que o povo armado proclamou a república, numa radiosa manhã de Outubro.

Estava, pois, conquistada a nova época, em que todos, tanto os que nada tinham como os ricos, poderiam dizer, desde que assumissem a responsabilidade das suas palavras, tudo quanto lhes ocorresse, tudo quanto lhes fosse na alma. Poderia haver fome, falta de trabalho, miséria no lar, crianças prostituídas, exploradores ociosos e trabalhadores escravos, leprosos sem asilo e asilos sem comodidades, mas o que todos, todos, desde essa data, a um tempo sangrenta e rutilante, possuíam, sem que ninguém, absolutamente ninguém, lho pudesse roubar, era o direito incontestável de exprimir as suas opiniões, de dizer «Ódio!» ou de exclamar «Aprovo!».

Tinha-se iniciado uma época em que nem ministro, nem polícia, nem militar, nem civil, poderiam impedir que qualquer cidadão nacional ou estrangeiro criticasse os actos, antigos, muito principalmente quando estes actos lhe diziam respeito de uma maneira directa. Assim, quer estivesse no poder Pedro, quer estivesse Paulo, tinha o mais humilde cidadão a liberdade absoluta de criticar os seus actos.

Na sua essência, a república mais nenhuma vantagem nos poderia trazer. Porém, essa só que nos trouxesse representava moralmente um grande passo para o progresso. Mas não. A república, como era lógico, como não fez nenhuma modificação profunda nas instituições, pois se limitou a substituir homens e títulos, deixando prevalecer a mesma engrenagem defeituosa e corruptora, havia forçosamente, mais tarde ou mais cedo, de corromper os homens que a serviam.

Corrompido o regime e desejando ao mesmo tempo manter a outrance o poder desseacrupção, outro meio não havia para o conseguir senão rasgando tudo quanto se dissesse e fortalecer cada vez mais a mentira, desde que ela contribuisse para a segurança dessas instituições, baseadas não no direito — como o seriam se tivessem os republicanos seguido os seus projectos — mas pura e simplesmente na força armada.

Um regime fundamentalmente na força bruta não pode ser tolerante, não admite a crítica. E como os que usam a força, em vez da razão, para dominar nunca estão tranquilos — porque a força é transitória e a razão é eterna — temem, do que um pequeno estremeço os atire por terra, põem em prática todas as arbitrariedades para sufocar os que falam a linguagem da verdade.

Enveredou, pois, a república pelo caminho do arbítrio. E o caminho que todos os regimes tomam quando se sentem enfraquecer. Nos últimos anos da monarquia, os partidários dessa ordem social, sentindo fugir-lhes o poder debaixo dos pés, exerceram violências inqualificáveis contra os republicanos, que hoje se encontram nas condições do seu antigo inimigo.

Está actualmente o mundo burguês em crise, muito próximo da agonia. São os próprios burgueses que o confessam. E repaíam como a repressão é brutal na maioria dos países. Os mais pequenos abalo social a burguesia, que se vai apercebendo da sua próxima morte, tenta agarrar-se desesperadamente a qualquer meio que a evite. Isto é natural, isto é humano. Num fogo é frequente, para se salvarem, homens esmagarem outros homens. E que a morte está próxima o egoísmo acredita. Em Espanha, conforme os avanços vão redobrando na violência do ataque às instituições vigentes, os governantes, sentindo que num futuro

próximo tem de ceder, em vez de procederem com calma e aplanar o terreno para que o choque inevitável seja amortecido, criam uma atmosfera de terrorismo que leva os presos a fazerem a greve da fome.

E que representam as calúnias inaceitáveis, os ataques desvairados de Leão Daudet à C. G. T. francesa? A atitude de Daudet é simbólica, é a França reaccionária que presente que uma nova força — a libertária — vai ganhando terreno, enquanto a reacção o perde, motivo porque tenta os últimos esforços, quasi sempre desvairados como os de um agonizante.

Na Alemanha e na Itália a sociedade burguesa usa de todos os processos para morrer o mais tarde possível.

Mas é ilusão, a ilusão dos moribundos, que tem quasi sempre a razão perturbada. Todos os esforços violentos que a sociedade burguesa emprega para salvar-se são contraproducentes. Lembra um desgraçado caído num pântano, movendo-se desesperadamente para fugir à morte, o que ainda o afunda mais depressa. E a burguesia afunda-se também na lama dos seus próprios actos.

Nestes últimos tempos idênticos meios de defesa são empregados em Portugal, defesa desnecessária por enquanto, porque a hora não sou ainda, mas que o governo adoptou por determinação do tal sentimento dos que governam pela força, e que temem constantemente perdê-la. Porém, aqui a repressão foi iniciada por uma criatura inferior, absolutamente desconhecadora dos fenómenos da sua época, ignorância proveniente da educação militar, que impede um claro raciocínio e obriga os homens a percorrer determinados caminhos sem perguntarem se é preciso percorrê-los.

Deram-se, pois, os primeiros passos pelo lado mais perigoso para a república: atacou a liberdade de expressão, do pensamento. Ora, depois de tanto propagandear essa liberdade, depois de quasi sintetizarem as vantagens da república nessa aspiração tam estremeçada por todos, nunca governo algum que fosse esperto, devia principiar por atacar essa liberdade, que aos olhos de todos os ingénios representava a base da própria república.

Este governo, mais que nenhum outro, tem atacado a liberdade de pensamento, impedindo a reunião de assembleias, fechando sindicatos, exercendo uma censura infamante sobre determinados jornais. E' pois a república contra o pensamento humano; é, segundo o critério de puros republicanos, a república contra a própria república.

Eis porque nós dizemos que o regime republicano tem os seus dias contados. Ele suicida-se, cava o seu próprio túmulo.

Estas perseguições constantes à imprensa, traiçoeiramente urdidas, criam pouco a pouco uma atmosfera de ódio no subsolo das instituições; e os governos que tais medidas adoptam não chegam a aperceber-se do seu erro senão no próprio momento em que tombam.

Os governos que se mantêm no poder apoiados na perseguição odienta, no militarismo feroz e bem armado, contra o qual só forças igualmente armadas e poderosas poderiam lutar frente a frente, caem de súbito, às vezes vítimas de um gesto puramente individual. Não vai muito longe o exemplo de Sidónio Pais. De nada lhes servem as baionetas, de nada lhes serve o terror.

No entanto os governos não sabem ler na História. E' por culpa deles que erros e idênticas reacções contra esses erros se cometem.

O pensamento não se pode amordçar, porque quando não caminha em pleno sol, cava o subsolo. E a catástrofe então é mais terrível porque aparece de súbito, sem que ninguém a espere.

NA INGLATERRA

Uma irmã do czar propõe-se a herdar-lhe a fortuna e também... o trono

LONDRES, 24. — Numa declaração apresentada ante o tribunal central de sucessões de Londres, pela grã-duquesa Iona Alexandrovitch, irmã do czar Nicolau II, a qual reside actualmente em Inglaterra, achase-se o seguinte: «S. M. I. Nicolau Alexandrovitch, czar de todas as Russias, morreu em 16 de Julho de 1918 em Ekaterinburg, na Rússia, e nem sua mulher nem seus filhos sobreviveram».

Outra declaração apresentada por um advogado de Petrogrado certifica que, segundo a lei russa, a grã-duquesa Iona Alexandrovitch, irmã do czar, é a verdadeira herdeira. Por este motivo o tribunal das sucessões fará entrega à grã-duquesa das cartas de administração sobre todos os bens da propriedade do defuncto czar, em Inglaterra. Rádio.

UMA "PAREJA" DE BAILE

Que dança maravilhosamente
E que também nos faz dansar na corda bamba
:: enquanto tivermos paciência para isso ::

A oposição que nestas colunas temos feito contra a mais escandalosa e mais festiva confissão que ainda pretende realizar-se a favor dum das mais poderosas companhias portuguesas, não corresponde, de modo algum, uma oposição às justíssimas pretensões — pretensões mínimas se as cotizarmos com as da sanguessuga de Santo Amaro — do seu pessoal assalariado, que ora acaba de lançar-se na greve para as fazer valer.

Desnecessário seria este esclarecimento se habituados não andássemos a aclarar pontos de doutrina e situações, evidências atípicas e a algumas criaturas a quem apraz sempre desvirtuar intenções e voltar do avesso, na mira dum problemático êxito, embora mesquinho, atitudes nítidas e propostas claras como água. Todavia, como conhecemos de sobre o meio em que vivemos, a fica o cauteloso aviso, que não é, aliás, dirigido aos assalariados do sr. Freire de Andrade, porque estes sabem bem, como todos os oprimidos pela tirania do capital, que do seu lado não encontrarão sempre todos — amigos e adversários.

Em toda esta ignobil porcaria que há já algumas semanas se desenrola ante os olhos, apesar de tudo benevolentes, deste pacífico povo, explorado e espremitado até à última por um bando de insaciáveis milhafres humanos, que de homens só tem a fala e o gesto, o nosso ataque visa somente as duas entidades que directamente nela tem interferido: a Câmara Municipal de Lisboa e a Companhia Carris de Ferro, também de Lisboa.

Terá esse ataque sido violento, feroz, por vezes, feito de acumuladas razões, sempre, e de mal contida indignação, é talvez certo; mas não é menos certo que, se a Companhia dos Eléctricos merece uma dura lição pelos baixos processos de arranjar dinheiro para os seus cofres, não menor deve ser a infâmia à veracidade citadina, pela cumplicidade nefasta e até perigosa, com a Companhia Carris de Ferro, na mosca.

Restaria esperar o resultado dos trabalhos da novíssima comissão encarregada de resolver essa negociata, a qual principiou por não comparecer ao primeiro chamamento que lhe fizeram. Começa bem.

Esperemos, pois... e abramos os olhos.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Indústria nacional Dizem os pessimistas, embora se confessem genuinamente patriotas, que Portugal não tem indústria própria, que os portugueses não têm iniciativa. Parece, porém, que os tais pessimistas não vêem como tudo vai decorrendo progressiva e maravilhosamente. Não há indústria! Há, afirmam-nos. Quem passa pelo Chiado, ali é belas e engenhosas provas da sua existência: o manecas, o cumprimentado, o ferro, o bate-o-malho, o pipi para o Niné e a última criação do pagão na gajola, são esplendidos exemplos da nossa indústria de brinquedos e baratos.

No estrangeiro não se faz melhor, porque aos seus artigos não chega a todo o engenho, a arte... e a fome.

Publicidade A imprensa, a tal altura do progresso, que é hábito exaltar nos banquetes políticos, cada vez se prostitui mais. Seria efectivamente a alavanca do progresso se a animasse o espírito de justiça e o amor da verdade.

Mas não; ela tem-se transformado pouco a pouco numa grande página de anúncios pouco sérios e elogios-reclames disfarçados em artigos das redacções, no intuito apenas de ganhar muito.

É com as alavancas destas que querem elevar a moral nas sociedades. Estão servidos!

Caíu à linha O sr. Deschanel caiu à linha.

Não é só em Portugal que se salta pela janela e se cai à linha. Em França também se fazem dessas acrobacias. Se o sr. Alfonso Costa fez disso cá em Lisboa, num simples eléctrico e partiu a pinha, em França, o mais elegante chefe de Estado consegue cair, quando o comboio ia a 50 kilometros à hora e apenas fez leves escoriações. O sr. Deschanel é, sem dúvida, muito mais acrobata do que o Alfonso... nos saltos do comboio e na política.

Os políticos, no fim de contas, são uns grandes acrobatas: dão saltos tremendos nas ideias, nos combóios e nos eléctricos... mas, infelizmente para nós, ficam sempre de pé.

Não sente a carga Costuma-se dizer que um burro carregado de livros é um doutor e, provavelmente, um doutor carregado de livros é burro. Mas nem sempre os burros carregam livros e no entanto, não deixam de ser burros. O século relatava ontem que... um doutor, dizemos bem, carregava, há 14 anos, com uma bala de espingarda no nariz (sítio frágil onde um centímetro a mais já faz diferença) e nunca dera por ela. E' extraordinário! Que tal é o doutor que nem sente a carga!

meio município do país, onde estão representadas correntes de opinião que se dizem avançadas, venha a público defender o ludíbrio, absolutamente convencido que ludibriava os que lhe depositaram nas mãos os seus destinos, as suas prerrogativas, as suas liberdades, conquistadas tam rudemente, é o que ainda nos assombra, apesar de termos coturaça à prova dos tiros de retórica de políticos e politiquinhos.

Que a Companhia pedisse, que exigisse, até, se isso lhe desse na gana, admitia-se, estava bem, até certo ponto. Que usasse de todos os truques para bem se colocar, era aceitável. O que não está bem, o que não pode aceitar-se por princípio nenhum é a vergonhosa atitude dum câmara eleito pelo povo soberano, fazendo causa comum com o vigário e a trampolice, atraído pela delegação de algumas centenas de ingénuos e fazendo, enfim, um jogo arriscado mas evidente com o célebre pau de dois bicos, que tanto se ensona em Portugal e suas colónias. Por muito farto, e porque isso lhe poderia acarretar algum mau quarto de hora, resolver-se, muito a medo, a propor que depois das vinte e três horas as tarifas não fossem pagas a dobrar, o que não quer dizer que o não viessem a ser depois de votado e aprovado o desgraçado ex-contrato.

Tudo o mais é fraqueza, conviência, cumplicidade. Os protestos foram apenas esboçados, como se não vallesse a pena o incomodo por tam pouca coisa: a bolsa do cidadão. Até no capítulo dos trocos a nossa precaríssima veracidade mostrou que o era, permitindo até, com o seu aplauso, que a Companhia nos obrigasse a levar dinheiro trocado para dentro dos carros. Noutro tempo, quando o cobre abundava, quando nós pedíamos, quasi de mãos postas, para não darem em cobre todo o troco de cinco tostões, nunca a Companhia de Santo Amaro teve tam luminosa ideia. Teve-a agora, secundada pelos blicos a descobrir sobre quando ninguém o tem, forçando o povo a arranjar os trocos que ela não consegue. Comodidade e cinismo. Bate certo.

Resta-lhes esperar o resultado dos trabalhos da novíssima comissão encarregada de resolver essa negociata, a qual principiou por não comparecer ao primeiro chamamento que lhe fizeram. Começa bem.

Esperemos, pois... e abramos os olhos.

Na Abegoaria Municipal

O que se fornece para a alimentação dos animais

Foi depositada nesta redacção a amostra do pão que do governo civil enviaram ontem para a Abegoaria Municipal, com destino à alimentação do gado. Bastará dizer que a sua cor é verde, verde de bolor, verde de veneno, verde de podridão, para se avaliar o estado de conservação em que o produto se encontra. Uma carroçada desta «ração» foi remetida para a Abegoaria. O inspector d'este estabelecimento rejeitou-a. Pode a alguns parecer estranho que, numa época em que as almas cristãs são forçadas a construir um pau naseabundo, alguém se interesse pela alimentação dos solípedes. Todavia, é um sintoma. Aos animais da Abegoaria é fornecido para ração aquilo que de todo em todo o consumidor humano não aceita: feijão podre, pão podre, todo o lixo que a por essas sargentas pode captar-se. O pão que como amostra nos entregaram é uma prova. A mais eloquente das provas. Mas não, há no orçamento municipal, verba destinada à alimentação do gado?

A esquadra bolchevista bombardeia um porto persa

Uma versão do ocorrido

El Sol publica o seguinte telegrama: PARIS, 23. — O ministro da Pérsia comunicou a seguinte nota: «No dia 18 de Maio, às oito da manhã, 13 navios bolchevistas abriram fogo contra o porto de Enzeli, de uma distância de 12.000 jardas, caindo algumas granadas sobre o edifício da alfândega».

Imediatamente saíram ao seu encontro, para pedir explicações, algumas corvetas com bandeira branca.

O almirante da frota bolchevista respondeu ao emissário persa, dizendo-lhe:

«Encarregado pelo Governo dos Sovietes de exercer vigilância no mar Caspio, e considerando que os barcos do almirante Denikine, que se encontram em Enzeli, constituem uma ameaça para a tranquillidade das águas, ordeno que fossem bombardeados, e agora peço que me sejam entregados esses barcos e o porto onde estão fundeados».

Poi respondendo ao almirante bolchevista:

«1.º Que o governo persa protesta energeticamente contra o bombardeamento, porquanto este não foi motivado por provocação alguma».

«2.º Que as forças do almirante Denikine estão refugiadas num porto neutro, e que, de conformidade com o direito e costumes internacionais, foram desarmadas; uns que, sem embargo, o governo persa está disposto a estabelecer negociações sobre este ponto com o Governo dos Sovietes».

«3.º Que o governo persa não aceita de modo algum a ocupação de Enzeli, pelos bolchevistas».

O governo persa, por intermédio do ministro dos negócios estrangeiros, chamou a atenção do comité da Liga das Nações sobre este caso.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Em audiência de júri, ontem realizada na Boa Hora, foram julgados quatro rapazes, acusados a modos que de furto. O facto é vulgar, visto que a nobre arte de surripiar o alheio anda consagrada uma legião imensa, e de dia para dia mais numerosa. De modo que lá passaram ontem pelo banco dos réus na Boa Hora, quatro rapazes, um deles por sinal, fraco e doente a pontos de ser preciso ampará-lo para o levar à presença do augusto tribunal. Avariou o juiz o nome dos réus, profissão anterior àquela que ali os conduziu, naturalidade, filiação, e outras circunstâncias altamente significativas no critério jurídico. O agente captor, pertencente à segurança do Estado, entretemo-dumas miradas perspicazes o seu depoimento elucidativo, que habilitaria os jurados a mais imparcial das sentenças. Vulgaríssimo e banal tudo isto, não é verdade? Mas já não pode classificar-se do mesmo modo breve alocução do delegado do Ministério Público. Disse-lhe assim, num tom em que a bonhomia e a circunspeção entravam por igual: «E' lamentável, na verdade, que ao banco dos réus sejam trazidos rapazes na plenitude do seu vigor, aptos a desempenhar uma missão que à sociedade e a êles próprios aproveitasse. E por furtar! — quando há tanta maneira de viver, trabalhando... e até mesmo sem trabalhar! Roubam... Ainda se ao menos o fizessem à margem da lei! Porquê se não dedicaram de preferência ao comércio?...» A sentença não chegou eu a ouvi-la. Mas os rostos dos jurados contam-me que alguns deles careataram um desagrado perfeitamente visível a olho nu.

Reabriu a audiência às 11 e 3 quartos de hoje, com a composição dos dias anteriores.

Os réus ocupam quatro compridos bancos, enquanto a multidão, comprindo-se, entra de roldão, tomando todo o espaço reservado ao público.

Devia depor em primeiro lugar a testemunha José Augusto Cebola, filho do arguido Sebastião Cebola. O advogado Sobral de Campos requereu, invocando os competentes artigos da Novíssima Reforma Judiciária, no sentido da testemunha não depor. O delegado do ministério público, por sua vez, fez novas citações do mesmo documento, pretendendo provar a insubsistência da argumentação da defesa, requerendo no mesmo sentido a acusação particular.

Sobral de Campos replicou, agravando para a Relação de Lisboa, em harmonia com os artigos 964.º e 968.º da mesma Novíssima Reforma.

A testemunha é, pois, ouvida. Confirmando em ter ouvido dizer, a pessoas cujos nomes não pode precisar, coisas sobre os acusados. O delegado diz que, dada a situação delicada da testemunha, Sobral de Campos não obstante essa situação delicada, diz a testemunha que fale alto e claro. Ouviu dizer a testemunha ao Badagola e ao Val de Ovelha que os Póvos tinha sido preso na noite antecedente e que outras prisões se iam efectuar.

Depois a testemunha Torcato Val de Ovelha, que diz ser irmão do acusado Manuel Rodrigues Val de Ovelha. Sobral de Campos requereu novamente no sentido da testemunha não depor, objectando o delegado do ministério público com a mesma declaração anteriormente formulada, requerendo Sobral de Campos do despacho do juiz. E' feita a acareação entre esta testemunha e o menor Cebola, que não deu resultado.

Segue-se António Badagola, que diz ter ouvido falar em roubos feitos aos «Lagareiros» e de prisões a efectuar. O delegado do ministério público requereu acareação entre esta testemunha e Val de Ovelha, mantendo-se as primeiras declarações. Prescindiu-se duma testemunha por unanimidade.

E' chamada a Glória Maria, de 15 anos, sobrinha do «Lagareiro», que traz o recordo engratilhado, o que provoca risos gerais. Diz ter visto o Povoas, já preso, na noite do roubo das batatas a seu tio que é, Povoas, accusou Miguel Faria, Sebastião Cebola, Feliciano Abreu e outros de cujos nomes não se recorda,

Em Veneza deu-se há tempo um facto, que demonstra o valor da consciência popular, que apesar de todas as violências não está disposta a deixar de manifestar-se.

Porque um oficial do exército matou um soldado, todos os trabalhadores declararam a greve geral como protesto.

Muitos oficiais foram agredidos, feridos e arrojados aos canais pela multidão no cúmulo de indignação.

A greve geral aderiram os operários e empregados dos correios, telegrafos e telefones, os ferroviários e os marítimos.

O emprego do milho como combustível

Torna-se de dia para dia mais grave a dificuldade de obter carvão de pedra, e muitos países vêem-se em sérios embarços para resolver o problema.

A Argentina que desde o começo da guerra tem vindo sofrendo a escassez de carvão combustível, tem tido os seus problemas mais agravados.

Como em toda a parte lançou-se mão do emprego da lenha, mas sendo necessárias três toneladas de lenha para substituir uma de carvão, viu-se que resultava muito caro esse processo, tanto mais que além da constante subida do seu preço, o custo do transporte para os locais do consumo aconselhava a procura de outro processo que ficasse mais económico.

Sincontrando os argentinos empregando o milho como combustível, cereal que, ao contrário, do trigo, não obtém um preço tam elevado que a salsinha dos lavradores, que se recolhe espontaneamente. Instalou-se, portanto, a experiência provou-se que o milho quer em grãos soltos, quer em macerado possui um poder calorífico superior ao da lenha, e que são muito ricos em gordura.

Para utilizar o novo combustível bastou fazer uma pequena modificação nas fornalhas das locomotivas. Depois viu-se que se obtinha maior rendimento, projectando ao meio dum ventilador, o milho, previamente amaculado, numa câmara aberta, onde logo ardia espontaneamente. Instalou-se, portanto, a câmara sobre a fornalha, onde se queima uma pequena porção de milho para elevar a temperatura inicial da água, e o resto projecta-se no interior, pela forma referida, para que arde e aqueça a água do gerador.

Chega-se por este modo a substituir uma tonelada de bom carvão por duas de milho.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

O PODER DO ÓDIO

O terceiro dia de audiência — Continuam
a ser ouvidas as testemunhas de acusação — A guarda republicana em scena

(Do nosso enviado especial)

EVORA, 24. — Entre o mais justificadíssimo do interesse da população desta cidade, especialmente da classe rural, contra a qual a maioria dos lavradores destes sítios move uma guerra tam intensa que não hesitou em levar perante os tribunais alguns dos mais activos elementos dessa classe, decorre o julgamento dos trinta e um réus, acusados de constituírem um perigoso bando de salteadores, entre os quais se contam criaturas de grande coração, verdadeiros homens de bem.

Não sabemos ainda qual será o resultado d'este pleito judicial, mas ante os elementos que temos visto passar através do tribunal, isto é, se se fizer fé pelas declarações ali produzidas pelas testemunhas que pretendem accusar, uma conclusão há a tirar e essa é que são insubsistentes os fundamentos do processo.

Prosegue a audiência

Reabriu a audiência às 11 e 3 quartos de hoje, com a composição dos dias anteriores.

Os réus ocupam quatro compridos bancos, enquanto a multidão, comprindo-se, entra de roldão, tomando todo o espaço reservado ao público.

Devia depor em primeiro lugar a testemunha José Augusto Cebola, filho do arguido Sebastião Cebola. O advogado Sobral de Campos requereu, invocando os competentes artigos da Novíssima Reforma Judiciária, no sentido da testemunha não depor. O delegado do ministério público, por sua vez, fez novas citações do mesmo documento, pretendendo provar a insubsistência da argumentação da defesa, requerendo no mesmo sentido a acusação particular.

Sobral de Campos replicou, agravando para a Relação de Lisboa, em harmonia com os artigos 964.º e 968.º da mesma Novíssima Reforma.

A testemunha é, pois, ouvida. Confirmando em ter ouvido dizer, a pessoas cujos nomes não pode precisar, coisas sobre os acusados. O delegado diz que, dada a situação delicada da testemunha, Sobral de Campos não obstante essa situação delicada, diz a testemunha que fale alto e claro. Ouviu dizer a testemunha ao Badagola e ao Val de Ovelha que os Póvos tinha sido preso na noite antecedente e que outras prisões se iam efectuar.

Depois a testemunha Torcato Val de Ovelha, que diz ser irmão do acusado Manuel Rodrigues Val de Ovelha. Sobral de Campos requereu novamente no sentido da testemunha não depor, objectando o delegado do ministério público com a mesma declaração anteriormente formulada, requerendo Sobral de Campos do despacho do juiz. E' feita a acareação entre esta testemunha e o menor Cebola, que não deu resultado.

Segue-se António Badagola, que diz ter ouvido falar em roubos feitos aos «Lagareiros» e de prisões a efectuar. O delegado do ministério público requereu acareação entre esta testemunha e Val de Ovelha, mantendo-se as primeiras declarações. Prescindiu-se duma testemunha por unanimidade.

E' chamada a Glória Maria, de 15 anos, sobrinha do «Lagareiro», que traz o recordo engratilhado, o que provoca risos gerais. Diz ter visto o Povoas, já preso, na noite do roubo das batatas a seu tio que é, Povoas, accusou Miguel Faria, Sebastião Cebola, Feliciano Abreu e outros de cujos nomes não se recorda,

Em Veneza deu-se há tempo um facto, que demonstra o valor da consciência popular, que apesar de todas as violências não está disposta a deixar de manifestar-se.

Porque um oficial do exército matou um soldado, todos os trabalhadores declararam a greve geral como protesto.

Muitos oficiais foram agredidos, feridos e arrojados aos canais pela multidão no cúmulo de indignação.

A greve geral aderiram os operários e empregados dos correios, telegrafos e telefones, os ferroviários e os marítimos.

O emprego do milho como combustível

Torna-se de dia para dia mais grave a dificuldade de obter carvão de pedra, e muitos países vêem-se em sérios embarços para resolver o problema.

A Argentina que desde o começo da guerra tem vindo sofrendo a escassez de carvão combustível, tem tido os seus problemas mais agravados.

Como em toda a parte lançou-se mão do emprego da lenha, mas sendo necessárias três toneladas de lenha para substituir uma de carvão, viu-se que resultava muito caro esse processo, tanto mais que além da constante subida do seu preço, o custo do transporte para os locais do consumo aconselhava a procura de outro processo que ficasse mais económico.

Sincontrando os argentinos empregando o milho como combustível, cereal que, ao contrário, do trigo, não obtém um preço tam elevado que a salsinha dos lavradores, que se recolhe espontaneamente. Instalou-se, portanto, a experiência provou-se que o milho quer em grãos soltos, quer em macerado possui um poder calorífico superior ao da lenha, e que são muito ricos em gordura.

Para utilizar o novo combustível bastou fazer uma pequena modificação nas fornalhas das locomotivas. Depois viu-se que se obtinha maior rendimento, projectando ao meio dum ventilador, o milho, previamente amaculado, numa câmara aberta, onde logo ardia espontaneamente. Instalou-se, portanto, a câmara sobre a fornalha, onde se queima uma pequena porção de milho para elevar a temperatura inicial da água, e o resto projecta-se no interior, pela forma referida, para que arde e aqueça a água do gerador.

Chega-se por este modo a substituir uma tonelada de bom carvão por duas de milho.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

como fazendo parte do bando, e que fora o Florêncio José que disparara os tiros contra a guarda republicana. Esta testemunha, continuando com o seu recado, faz outras declarações que nada adiantam.

Maria Inês, que se segue a depor, diz ter ouvido ao acusado António Nobre, na ocasião em que foi preso no trabalho das ceifas, onde se encontrava, esta exclamação: «Rapazes eu não sou ladrão, se roubei a isso, fim obrigado». Esta testemunha, que também trabalhava com o Nobre, diz não lembrar-se dos restantes companheiros que com eles estavam nas ceifas, não obstante serem mais de 30, no acto da captura do acusado.

A testemunha Serafim José diz que na ocasião em que o Nobre vinha preso de falar a um ladrão obrigado. Antegamente prendiam os vadios e agora prendem quem trabalha».

Depois Manuel Joaquim Ferreira, que faz declarações vagas e imprecisas, que nada adiantam.

A seguir António da Costa Serrano diz ter ouvido a Cipriano Balsa que estando detido, de madrugada, sentira mexer na porta; que se levantara e, pegando numa espingarda, disparara dois tiros contra um vulto que se evadira.

A testemunha Cipriano Balsa repete o que havia dito ao Serrano.

João Joaquim Gouveia, que depois de seguir, supõe que Rato quem assaltara a caopeira e a colheira de seus pais, dissonância esta proveniente de o ter visto na véspera nas proximidades da casa. Entretanto, conhecendo-o há 12 anos, nunca o teve por mau, nem o viu com os co-reus.

A testemunha Vicente Pascoal faz declarações, que por vezes se contradizem, acabando por dizer que traz consigo um jornal da ocasião, que aos factos se refere, no intuito de não se esquecer... Crê no entanto que entre os acusados não se encontram António Rita, José Marques e Filipe Pereira, que quasi reproduzem as considerações dos depoimentos anteriores e que nada de definitivo comprovam contra os acusados.

Interrompeu-se a audiência às 18,40, que prosseguirá amanhã, devendo talvez já ser ouvidas algumas testemun

NOTAS DE ESTUDO

A vida portuguesa através dos seus literatos

Os livros de linhagem

A vida íntima de ignomínias e de excessos violentos, de rápidos escândalos e amores ilícitos; toda a roupa suja, muitas vezes emoldurada de sangue, ou fedorenta, trespandando a incesto, da fidalguia portuguesa dos primeiros séculos da monarquia, é af nesses cadastros de títulos, nos livros de linhagem—também chamados nobiliários, onde se registam brâzões e buscam passaportes para entrar no paço, fugir à plebe e cobrar dízimas,—é aí, fiamos dizendo, que melhor se encara o seu verdadeiro carácter, melhor se assinalam os seus mais ocultos e bizarros aspectos.

A vida portuguesa nessa época nublada, somente a ocupavam, caracterizando-a, os interesses e lutas aristocráticas, tripudiando sobre o poder real e esmagando as energias populares que ainda não tinham representação, nem força para os elevar a classe. As suas queixas, abafadas pelas superstições, apenas se desortinam emsmacadas nos romances e canções populares.

O terror, simplesmente o terror, que neles transparece, é a sua única forma de protesto, revestindo-o de símbolos, e então são dragões, duendes, diabos, que fogem para as montanhas roubando crianças, ou armando ciladas aos caminhantes para lhes extorquir o pequeno e os assassinar depois, sugando-lhes o sangue.

Outras vezes, com ingénias variantes, é um camponês que entra na choupana e dá pela ausência da companheira rapta pelo demónio que por ali passara, disfarçado na pele e orelhas de um burro gigantesco. Porém, quando o pavor, excitado com espectáculos constantes de barbarie, com as pestes e secas, ou pela pressão da intolerância religiosa baixava um pouco, por qualquer circunstância feliz, a alma popular comprazia-se então, na impotência de justificar os seus tiranetes, em cantar aqueles que o sentimento lhe mostrava como heróis, emprestando-lhes lendárias aventuras, em que havia sempre a fénção, a galhardia, ou a heróicidade na defesa da honra de uma dama ou de uma causa justa que lhe fizesse vibrar o espírito, originando-lhe aqueles impetuosos criadores.

De modo que a nobreza, não obstante algumas sátrias isoladas que se perderam ou vivem no ambiente acariador da tradição—como alusões mordazes às manhas de D. Afonso II, ou à batalha do Salado—possuía o privilégio de ocupar toda a história da idade média com as suas prepotências, as suas ambições, as suas expansibilidades e os seus pontos de vista.

A vida portuguesa ainda não se unificara, não lhe reconheciamos chefe, fragmentando-se também o mando em infinitos feudos.

Para os nobres de então, a vida portuguesa eram apenas os contos que administravam; a nação, a pátria, os territórios, as suas concepções não ultrapassavam os limites, aliás vastíssimos, da intriga palaciana, meramente cortesã. As suas pugnias, os seus ideais, eram com o clero, quando este não se excedia na intolerância que afastasse o perigo popular. Os seus pleitos, as suas preocupações, eram extinguir das suas relações, a burguesia, que, à falta de um cadastro nobiliário, se inculcava fidalga; orque um aristocrata, um fidalgo de linha tinha direitos tentadores, comensuras formidáveis que desafiavam a cubia desenfreada. Entre outros, possuía o direito do padroado.

As parquias, os mosteiros, fundados pelos grandes senhores, a abarrotar de títulos, durante muito tempo, foram considerados como apêndice das suas riquezas, como qualquer outra propriedade. Legavam-se, repartiam-se entre os herdeiros e chegavam a vender os seus privilégios.

As igrejas contraiam então obrigações que eram o motivo principal das várias lutas, para cercar um nome com a aureola de grande senhor.

Todos os da linhagem, dos seus fundadores tinham direito, em certos dias de festa, e todos os anos, a andarem à barba longa, sustentados pelas mesmas igrejas, como o conta Herculano.

Os abusos não tinham fim. Eram um verdadeiro rosário que os religiosos empunhavam para sobre o bordame a ladainha das reclamações, e foi este um dos motivos mais decisivos para a criação do registo de linhagem. De modo que o investigador, o crítico, o artista

que fixar quizessem o espírito, a índole, dos primeiros séculos da vida portuguesa, era somente nos livros de linhagem que encontravam o crer e o sentir, ora ingénio e bárbaro, ora perspicaz e cavalheiresco desse obscuro período da história de Portugal, constituindo assim, pelos incidentes que acompanham as numerosas genealogias, pelo estilo em que foram recolhidas, o verdadeiro monumento histórico de onde saíram, em faixas resplandecentes, os imortais trabalhos dos historiadores portugueses como Fernão Lopes, Azurara e outros.

Por entre a longa fiada de nomes, inesperadamente, como numa planície árida um pardieiro isolado ou uma ruína revelando-nos mistérios até então insolúveis, surgem a espaços as entranhas, os despojos de ambições, de sonhos, já das falências das grandes famílias, cujos nomes foram a causa da sua revelação na ideia sistemática de os perpetuar, ou de ganharem fóro.

Rompem-se então a treva e os conflitos, o drama, aparecem-nos em toda a sua grandeza heróica ou grotesca, tenebrosa ou amorada.

São guerras de famílias, rivalidades de brâzões, vinganças hereditárias, e os nomes, até aqui mudos, intermináveis, a princípio impelidos que impediam a volatilização da essência dessa época lendária, agitam-se, chocam-se e auxiliam-nos depois a sua reconstrução.

O espírito da época, os costumes, as crenças que então vogavam, ressurtem, revivem como se no-lo contasse alguma velha bruxa que misteriosamente, por insondáveis processos, sentisse em si a alma de um cortejo dissoluto, dum pagam amoroso ou dum escudeiro cachorro, fedidíssimo.

A propósito de um nome, na história deliciosamente crêdula, ingénua de uma geração, conhecemos o seu solar envolvido por tradições maravilhosas, por lendas de um colorido intenso ou as facanhas em desagravo desprestígio da sua honra, ou na vingança perpétua de velhas rixas de seus antepassados.

Alguns, para perpetuarem o seu nome com algum feito heróico—era a pécha da época—faziam-no evocando alguma aventura que obrigaria Cervantes a rasgar o seu D. Quixote, achando-o de um grotesco comelhão.

Outros são poetas, fazedores de rimas, ocupando os seus ócios em *trouver* a palavra adequada ao metro imposto, e, à falta de outros títulos e facanhas, passaram para os nobiliários com a partícula de *trabaladores*. Outros ainda eram excelentes criatras, muito boas pessoas, porque *trabaram bem*, e alguns, na expressão pitoresca que vale um poema, foram *muy saborosos*.

Depois são raptos audaciosos, como o de D. Meia Lopes, arrancada do leito do seu esposo, o rei D. Sancho II, raptos que se repetem, que se vulgarizam como um mal endêmico daqueles tempos.

no caso da formosa Ribeirinha, D. Maria Pais da Ribeira. Voltam os nomes, mais nomes, interminavelmente, tintos de sangue uns, chamuscada a fronte, outros, nos incêndios frequentes dos castelos, numa enumeração monótona, que, possuída a sua literatura, ingénua e pitoresca, e que por si o mesmo o mais precioso comentário, a mais flagrante expressão daqueles costumes, e fazendo-nos sorrir ante a singeleza igual, como se narram crueldades, ou cavalheirismos e tradições piedosas, se transformam num rijo vergalho com que modernamente fustigamos aqueles usos, ou sacudimos a poeira que soterra uma época, por todos os títulos interessante.

E todavia—caso singular, paradoxo digno de reparo e que motivou a sua escolha para o início destas notas de um *tourist*, em excursão pela literatura do seu país, e que vai anotando os aspectos que constituem o título que os encabeça—os livros de linhagem fotografando essa época marcam precisamente o seu início e o seu fim, isto é, criados para a perpetuação da delinquência moral da fidalguia de então, foram eles que lhe deram o golpe de misericórdia, quando o poder real, já unificado, se apoiava nesses cadastros, ou reorganizando-os, revogava ou favorecia, a seu bel prazer, os decretos que a fidalguia possuía como legítimos, tornando assim a nobreza mais submissa e mais moderada nos seus ataques ao tesouro público e ao poder monárquico.

Novos meios de transporte? Dizem-nos da Arcada:

Sobre assuntos respeitantes à greve do pessoal da Companhia Carris de Ferro, esteve ontem conferenciando com o presidente do ministério o presidente da comissão executiva do município.

Alim de atenuar tanto quanto possível os prejuízos resultantes da falta dos carros eléctricos, o chefe do governo determinou que se estabeleçam carreiras para os pontos extremos da cidade, empregando-se nela todos os auto-ônibus e camions que para lá possam ser dispensados pelos ministérios da guerra e do interior. As carreiras serão pagas por uma taxa mínima por passageiro, que permita, até certo ponto, compensar o dispêndio feito com a gasolina.

Sobre este assunto estiverem conferenciando com o sr. António Maria Baptista, o capitão Domingues, adjunto do gabinete do ministro da guerra e tenente coronel Bêltran, director do Parque Automóvil Militar.

Vai também ser estabelecido um serviço de transportes, para os deputados e senadores poderem assistir às sessões do parlamento.

As carreiras serão pagas, partindo os veículos de um determinado ponto no centro da cidade.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 26

Vapor francês «Hubs» de Gibraltir, vapor francês «Alte de Tautave», vapor inglês «Higland Loch», de Londres; vapor inglês «Catherine Amore», do Porto.

Saídas

Vapor inglês «Baron Berovist», para Glasgow; vapor inglês «Colonia» para Valência; vapor inglês «Castles» para Carthagena; vapor inglês «Julia», para Baneos da Terra Nova; vapor português «Alcyon», para 21.12.1920 para 21.12.1920.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Lisboa continua sem eléctricos

Mantém-se no mesmo estado o movimento de greve do pessoal dos eléctricos, tendo este continuado a reunir na sede do respectivo sindicato, onde vivamente é discutido o conflito, mostrando-se os grevistas na disposição de não regressar ao trabalho sem que as suas reclamações sejam atendidas.

Várias conferências tem realizado a comissão de *demarches*, até agora, porém, sem resultado apreciável.

Uma carta do sr. Ricardo Covões

Do sr. Ricardo Covões recebemos uma longa carta, que a falta de espaço nos impede de publicar na íntegra. Dela transcrevemos os seguintes trechos:

«A companhia recusa-se a aumentar o seu pessoal, dizendo que as suas receitas não chegam para isso. É verdade que a companhia foi há meses autorizada a aumentar 40 0/0 nas suas tarifas para atender ao seu pessoal e a este só deu então uma parcela desse aumento. Também é verdade que a companhia está gastando alguns contos de réis por dia, com empresas que nada têm com a sua indústria. Mas como é sempre o público que tem que pagar todas estas coisas, para não fugir à regra, vamos aliviar uma forma de a companhia, sem sacrifício para ela, resolver a situação do pessoal.

Os bilhetes de assinatura passaram a custar 90 escudos, mais vinte do que deviam actualmente custar. A companhia, compensando este aumento, daria validade aos *passes* nos carros, que fazem serviço nas antigas linhas dos elevadores. A câmara consentiria, também, o aumento de um centavo em todos os bilhetes de 4 e 5 centavos.

A receita adquirida com estes aumentos será o bastante para a companhia aumentar o seu pessoal de forma que os seus vencimentos fiquem iguais aos dos das outras classes trabalhadoras.

Devemos explicar que se lembra só o aumento aos portadores de *passes* e nos bilhetes mais baratos porque os que têm dinheiro para adiantadamente pagarem à companhia o seu transporte anual não são, na sua grande maioria, os indivíduos menos abastados. E assim também os que utilizam só os bilhetes de uma zona não são aqueles que mais precisam andar de carro, nem os que moram nos subúrbios de Lisboa por ali a renda das casas se mais barata.

Este aumento que a Câmara deve desde já autorizar terá por fim imediato acabar com a greve e impedir que a Companhia continue a especular com o pessoal e a sua situação, e deve ser feito só a favor deste de forma a não tornar a suceder o mesmo que aconteceu com o último aumento autorizado pela Câmara e já revogado, de que o pessoal nada receberia.

E' também oportuno chamar a atenção de V. para os seguintes factos:

A Companhia diz que as suas receitas não chegam para as despesas.

Isto é um caso para averiguar. Há meses, antes da Companhia ser autorizada a aumentar as suas tarifas em 40 0/0, uma comissão de vereadores, que analisou os elementos que a própria Companhia que o lucro desta, anualmente, era de trezentos mil escudos. Desejando a mesma comissão ver os livros da escrita da Companhia, para melhor fazer o seu estudo, um dos seus directores disse à referida comissão que tal não podia ser porque esses livros se encontravam em Londres. Tudo isto consta de um relatório da mesma comissão arquivado na Câmara.

A receita da Companhia, em 1914, antes da guerra, foi aproximadamente de dois mil contos. As receitas de 1920 devem ser aproximadamente de seis mil contos, tendo portanto a Companhia um aumento de 200 0/0.

A Companhia, que tem o monopólio da viação mecânica deverá ficar, pelo novo contrato, apenas com o monopólio da viação eléctrica. Já assim se não repetiria o caso que há tempos se deu da Companhia impedir que se formasse uma cooperativa de auto-ônibus para transporte dos seus associados.»

Os vereadores socialistas não comparecem

Ontem à noite não compareceram os vereadores srs. José Gregório de Almeida, Ryder da Costa e César dos Santos, que compõem a última comissão nomeada pela Câmara para tratar de resolver a questão dos eléctricos, e tinham sido convidados pelo presidente para se instalarem e iniciarem os seus trabalhos.

Novos meios de transporte?

Dizem-nos da Arcada:

Sobre assuntos respeitantes à greve do pessoal da Companhia Carris de Ferro, esteve ontem conferenciando com o presidente do ministério o presidente da comissão executiva do município.

Alim de atenuar tanto quanto possível os prejuízos resultantes da falta dos carros eléctricos, o chefe do governo determinou que se estabeleçam carreiras para os pontos extremos da cidade, empregando-se nela todos os auto-ônibus e camions que para lá possam ser dispensados pelos ministérios da guerra e do interior. As carreiras serão pagas por uma taxa mínima por passageiro, que permita, até certo ponto, compensar o dispêndio feito com a gasolina.

Sobre este assunto estiverem conferenciando com o sr. António Maria Baptista, o capitão Domingues, adjunto do gabinete do ministro da guerra e tenente coronel Bêltran, director do Parque Automóvil Militar.

Vai também ser estabelecido um serviço de transportes, para os deputados e senadores poderem assistir às sessões do parlamento.

As carreiras serão pagas, partindo os veículos de um determinado ponto no centro da cidade.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Atropelamento

No banco do hospital de São José recebeu curativo Augusto Joaquim, albergado no do Albergue dos Inválidos do Trabalho que na rua das Cavalarias do Infante foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça.

Bilhete perdido

Um vendedor de lotaria, almejado, que não pode expor, por esse motivo, a sua profissão, perdeu ontem, na feira de Sacavém, o bilhete com o n.º 774, pedindo a pessoa que o achou, e que sabe ser de Loures, a fineza de o entregar na sua morada, Rua do Limoeiro, 30, 3.º

Sociedade Recreio Operário «A Portuguesa»

Realiza-se na próxima quinta-feira, pelas 21 e meia horas uma grandiosa festa conatando de recita e baile.

Tratado da Trindade T. S. L.

Companhia Carlos Lial Emp. Taveira

Noite 8.30

Festa artística

do actor

Hoje José David

Hoje

Exito

Mais uma representação da querida revista

PAZ ARMADA

na qual festejado fura, além do André, uma imitação de Charles Chaplin (Charlie) em dueto com a actriz Grêmida Torres

O fado do cinco pela pequenina Ariete Soares

Amanhã: PAZ ARMADA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico da Construção Civil.—Conselho de Melhoramentos.—A comissão permanente procurou ontem por meio do comércio, para tratar de vários assuntos de interesse para os operários, como a abertura das obras de Sintra e Manicó, respondendo ministro que ia mandar ir imediatamente a de Sintra e que a de Manicó seria aberta o mais breve possível, com a restrição ao pagamento aos camaradas que foram despedidos ilegalmente, disse que ia mandar fazer um mapa com o número dos referidos operários e as imensas obras que tem a receber pelo tempo que estiverem em trabalho, e que se quanto monta e pagar-lhes se o parlamentar autorizar. Tratou-se também das tarefas das obras do Estado, respondendo o ministro que ia mandar fazer um mapa com as obras e que se depois de o fazer, o trabalho seria dado por tarefas.

Previnem-se, portanto, todos os delegados das obras do Estado, que devem mandar nas obras onde trabalham há ou não material de forma que todas as classes possam trabalhar por tarefas, e virem à sede do Conselho de Melhoramentos, para o serviço da comissão de melhoramentos, que se encontra todas as noites, das 20 às 23 horas, no respectivo gabinete.

Maniferações de Calçado.—Reuniu ontem em sessão geral a comissão de melhoramentos da indústria do calçado, resolvendo convocar a comissão a reunir na próxima sessão uma sessão magna a fim de apreciar a situação da indústria em face da falta de salários dos Sindicatos e resolveu que toda a classe preste o máximo auxílio ao trabalho e aos nossos camaradas Jerónimo de Sousa e Francisco Moura.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.—Reuniu hoje a assembleia de delegados para apreciar o relatório de contas, resolvendo convocar a comissão a reunir na próxima sessão uma sessão magna a fim de apreciar a situação da indústria em face da falta de salários dos Sindicatos e resolveu que toda a classe preste o máximo auxílio ao trabalho e aos nossos camaradas Jerónimo de Sousa e Francisco Moura.

Federação do Livro e do Jornal.—Reuniu hoje o conselho geral da federação para tratar dos assuntos a tratar por se a competência de todos os delegados.

Federação Nacional da Construção Civil.—Convidam-se os camaradas Carlos Costa e Manuel Soares a comparecerem hoje no gabinete da Federação, pelas 13 horas, para assento urgente.

Sindicato Unico Mobiliário.—Conselho Técnico e de Melhoramentos.—Para o aumento dos salários pendentes convidam-se a reunir hoje todos os delegados das respectivas especialidades. Devido à importância dos assuntos a tratar de esperar que nenhum camarada fulte. Pedem-se a todos os camaradas que tenham bilhetes de auxílio em seu poder para entregá-los o mais breve possível na sede deste sindicato.

Cortesias.—Reuniu hoje, às 20 horas, a assembleia para apreciar a situação dos mínimos e tomar resoluções.

Litôgrafos e Anexos.—Reuniu hoje, pelas 20 horas, a direcção deste sindicato, pedindo-se aos delegados das oficinas, que amanhã, às 10 horas, compareçam ao trabalho para a reunião de hoje.

Pedem-se a competência da comissão revisora de contas.

Secção Concileira de Belém.—Reuniu hoje, às 20 horas, a assembleia para apreciar a resposta enviada a esta secção pela dos industriais acerca da reclamação de aumento de salário.

Sindicato Unico da Construção Civil.—São convidados a comparecerem hoje, pelas 21 horas, os camaradas colaboradores Guilherme Arduíbero e Joaquim Victorino, trazendo as suas respectivas pastas.

Sindicato Ferroviário.—Havendo um assunto de importância a tratar por se a competência de todos os delegados, resolveu-se convocar a reunião para as 21 horas, na sede social.

Sendo o assunto de grande magnitude pede-se a competência de todos os camaradas que compõem as ditas comissões.

A Transformação da Sociedade

pela acção do

Sindicalismo Revolucionário

por José dos Santos

Folheto de propaganda onde o autor demonstra o valor do sindicalismo na transformação da sociedade

Ac preço de \$15

A venda na administração de A Batalha

Linha do Vale do Sado

Foi ontem inaugurado o tróço desta linha de Setúbal a Alcácer do Sal, sendo recebido o facto com grande entusiasmo pelas populações para quem ele representa um adiantado progresso nos meios de comunicação, tornando mais rápidas e frequentes as suas relações.

Os dois comboios que saíram de Setúbal iam repletos de convidados, levando um deles uma banda ao chegar à estação de Vinhedo houve uma paragem e foi servido um *copo de água*, partindo-se em seguida para Alcácer, onde, na Câmara Municipal, se realizou uma sessão solene a que presidiram os ministros da agricultura e do comércio, tendo falado os srs.: presidente da câmara, Parreira, Alfredo Portugal, Pereira Gil, Jacinto Nunes, Tavares de Carvalho, Jorge Nunes, Joaquim Brandão e Aresta Branco, presidente da Associação Comercial de Alcácer e Sindicato Agrícola, enaltecendo todos as grandes vantagens desta linha férrea; o nosso camarada Miguel Correia falou em nome dos ferroviários do Sul e Sueste, alongando-se em considerações sobre a pilorosa linha de Alcácer.

sr. José Accacassi director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, salientou os esforços dos ferroviários para se conseguir a definitiva inauguração, o que é deveras bem construído este tróço do Alcácer, estabelecido à beira do Sado. Falaram ainda os ministros da agricultura e do comércio.

A sala encontrava-se engalanada e à noite realizou-se um banquete nos paços do conelho e a vila estava iluminada à veneziana, o que produziu um belo efeito.

Uma coisa deu no gôto a muitas pessoas: foi o aparato militar que se notava na estação de Setúbal-mar, o que produziu um péssimo efeito.

EM FRANÇA

Segundo a «Radio», o regresso ao trabalho acentua-se

PARIS, 25.—O movimento grevista está quase terminado na maioria dos centros industriais. Novas corporações anunciam o regresso ao trabalho.

Em Carnaux e Montcau, os mineiros decidiram obedecer às ordens de regresso ao trabalho da C. G. T., a partir de hoje. Em Toulon, a união departamental dos sindicatos operários de Toulon e de Var ordenou a todas as corporações o regresso às oficinas. Em Evreux, registam-se numerosas apresentações nos depósitos e na estação dos caminhos de ferro. Em Limoges terminou a greve dos gasomistas.—*Rádio*.

EM VISEU

Greve dos fabricantes de calçado

VISEU, 25.—T.—Os operários fabricantes de calçado abandonaram hoje o trabalho em virtude dos industriais não atenderem as reclamações de carácter económico apresentadas pela classe.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo do 1.º Bairro.—Reuniu a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes, o que deu o seguinte resultado:

Comissão administrativa: Secretário geral, Amílcar Sarmiento; adjunto e administrador, Amílcar Sarmiento; secretário geral, Amílcar Sarmiento; secretário geral, Amílcar Sarmiento.

Comissão de Estudo e Estatística: secretário, Edmundo Vaz; bibliotecário adjunto, José Scheidecker; vogais, Henriques Fernandes e António Silva.

Comissão de Propaganda: Secretário interno, Amílcar Sarmiento; vogais, Joaquim Seabra, Arlindo S. Cardoso e João Duarte da Silva.

Apresentou-se uma circular enviada da U. J. S. P., sendo aprovado o aumento da cota de 5 para 7 centavos.

No final foi enviado um telegrama de apoio ao encontro das tomadas na assembleia para o *O Despertar*, que rendeu 480 centavos.

Núcleo da Indústria de Calçado.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas e de propaganda e delegados da U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Núcleo da Indústria de Calçado.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas e de propaganda e delegados da U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Núcleo da Indústria de Calçado.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas e de propaganda e delegados da U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Aprensão de gado, dinheiro e tabaco

A guarda fiscal efectuou mais as seguintes apreensões: no Arco da Moura, 1.º, 2.º e 3.º, cabeças de gado lanigero, no valor de 17800; na secção de Vila Real do Santo António, 25 cabeças de gado lanigero, 8 de bovino e 7 de caprino, no valor de 2.250; no S. João, 60 carneiros, no valor de 1500; no Alameda, 47 cabeças de gado caprino, 8 de lanigero, no valor de 3400; em Sobral, 220 em papel, portuquês e uma caixa de charutos que se destinavam a Espanha.

Vendedores ambulantes

Reuniu hoje, às 20 horas, a Associação dos Vendedores Ambulantes de Lisboa para a eleição dos corpos gerentes e modificação do estatuto com aumento de cota.

Desaparecido

Pedem-nos que, por intermédio do nosso jornal, comuniquemos que tendo desaparecido de sua casa, no dia 8 do corrente, António Rodrigues Pereira, de 23 anos, pintor, que em tempos trabalhou numa fábrica de gelo, se solicita quem saiba do seu paradeiro, o indique para a nossa redacção ou para a rua das Flores, 19, 1.º.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: do sr. Alfredo Alves Lopes, empregado comercial, às 10, da rua Haris Kronga, 6; do sr. Carlos Maria Maderia, às 15, da rua Eitel, 16; do sr. Pedro Máximo de Oliveira, às 15, do hospital Escolar, da D. Aurora do Carmo Fernandes, às 18, da rua Vasco da Gama, 56; da D. Francisca Faria de Oliveira, às 12, do hospital do Regio; do sr. João Esteves de Sá Pires, às 10, do mesmo hospital; da D. Jesuina Heitor, às 12, da rua Passos Manuel, 109; da D. Maria do Carmo Miguelas Dias, às 14, da rua do Salitre, 19; do sr. António Luís Ribeiro Junior, às 11, da rua do Barão, 6.

OBITUÁRIO

Condorez inhumados no dia 24 de Maio de 1920 do cemitério dos Prazeres: Manuel Maria, 80 anos; António José Anacleto, 21 anos; Palmira Reis Ferreira Cabral, 41 anos; Alexandre Augusto Leão Ribeiro, 12 anos; Fortunata da Conceição Mendes, 78 anos.

Últimas notícias

Em torno da Rússia Vermelha

Um governo burguês disfarçado em social democrata na Ucrânia

VARSÓVIA, 25.—Na Ucrânia liberta pelo esforço polaco ucraniano constitui-se um governo nacional sob a presidência do sr. Lavicki pertencente ao partido social democrático ucraniano. A este partido também pertencem a maioria dos ministros.

As subsecrarias do interior e da agricultura foram confiadas a dois polacos, os srs. Jozafaki e Stenpewake.—*Rádio*.

EM FRANÇA

Segundo a «Radio», o regresso ao trabalho acentua-se

PARIS, 25.—O movimento grevista está quase terminado na maioria dos centros industriais. Novas corporações anunciam o regresso ao trabalho.

Em Carnaux e Montcau, os mineiros decidiram obedecer às ordens de regresso ao trabalho da C. G. T., a partir de hoje. Em Toulon, a união departamental dos sindicatos operários de Toulon e de Var ordenou a todas as corporações o regresso às oficinas. Em Evreux, registam-se numerosas apresentações nos depósitos e na estação dos caminhos de ferro. Em Limoges terminou a greve dos gasomistas.—*Rádio*.

Na Irlanda revolucionária

Os maquinistas irlandeses recusam-se a conduzir munições

LONDRES, 25.—Os maquinistas irlandeses decidiram não conduzir comboios transportando munições, ameaçando declarar a greve geral do ferroviário no caso de serem punidos os homens que se recusaram a fazer este serviço.—*Rádio*.

EM VISEU

Greve dos fabricantes de calçado

VISEU, 25.—T.—Os operários fabricantes de calçado abandonaram hoje o trabalho em virtude dos industriais não atenderem as reclamações de carácter económico apresentadas pela classe.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo do 1.º Bairro.—Reuniu a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes, o que deu o seguinte resultado:

Comissão administrativa: Secretário geral, Amílcar Sarmiento; adjunto e administrador, Amílcar Sarmiento; secretário geral, Amílcar Sarmiento; secretário geral, Amílcar Sarmiento.

Comissão de Estudo e Estatística: secretário, Edmundo Vaz; bibliotecário adjunto, José Scheidecker; vogais, Henriques Fernandes e António Silva.

Comissão de Propaganda: Secretário interno, Amílcar Sarmiento; vogais, Joaquim Seabra, Arlindo S. Cardoso e João Duarte da Silva.

Apresentou-se uma circular enviada da U. J. S. P., sendo aprovado o aumento da cota de 5 para 7 centavos.

No final foi enviado um telegrama de apoio ao encontro das tomadas na assembleia para o *O Despertar*, que rendeu 480 centavos.

Núcleo da Indústria de Calçado.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas e de propaganda e delegados da U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Núcleo da Indústria de Calçado.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas e de propaganda e delegados da U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Núcleo da Indústria de Calçado.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas e de propaganda e delegados da U. J. S. para tratar de um assunto urgente.

Aprensão de gado, dinheiro e tabaco

A guarda fiscal efectuou mais as seguintes apreensões: no Arco da Moura, 1.º, 2.º e 3.º, cabeças de gado lanigero, no valor de 17800; na secção de Vila Real do Santo António, 25 cabeças de gado lanigero, 8 de bovino e 7 de caprino, no valor de 2.250; no S. João, 60 carneiros, no valor de 1500; no Alameda, 47 cabeças de gado caprino, 8 de lanigero, no valor de 3400; em Sobral, 220 em papel, portuquês e uma caixa de charutos que se destinavam a Espanha.

Vendedores ambulantes

Reuniu hoje, às 20 horas, a Associação dos Vendedores Ambulantes de Lisboa para a eleição dos corpos gerentes e modificação do estatuto com aumento de cota.